

## AS VIDAS BRACERO E A FALTA DE ÓCIO NO “TEMPO LIVRE”<sup>32\*</sup>

**Nicole Guidotti-Hernández**

Universidade de Texas, Estados Unidos da América

**Resumo:** O Programa Bracero recrutou mais de 4,5 milhões de trabalhadores mexicanos temporários para trabalharem na indústria agrícola nos EUA entre 1942-1964. Este programa representou uma das maiores afluências de emigrantes mexicanos aos Estados Unidos e um dos maiores esforços bi-nacionais para tornar os corpos trabalhadores pré-modernos em corpos abjetos. Enquanto a maior parte da bolsa Bracero se foca em nação, cidadania, modernidade, fratura da família mexicana e migração, este ensaio fornece um relato sobre como o poder, a legibilidade e o desejo são configurados na falta de ócio na esfera doméstica dos Bracero, através da análise de imagens selecionadas do arquivo documental de 1956, do fotógrafo Leonard Nadel. Argumenta-se que mesmo nos tempos de suposto ócio, os seus papéis de género foram reconfigurados através de variadas formas de trabalho reprodutivo na esfera doméstica homosocial.

**Palavras-chave:** Bracero; Ócio; Imigrante; Trabalho reprodutivo; Desejo; Género.

O Programa Bracero recrutou mais de 4,5 milhões de trabalhadores mexicanos temporários para trabalharem na indústria agrícola nos EUA entre 1942-1964. Da mesma forma que este programa representou um dos maiores fluxos de emigrantes mexicanos para os Estados Unidos, também demonstrou um dos maiores esforços bi-nacionais de tornar os corpos de trabalho pré-modernos em corpos abjetos. Há uma longa tradição de estudos sobre a bolsa Bracero, tanto em Espanhol como em Inglês, que começou de forma mais notável com o trabalho de Ernesto Galarza. O seu relatório, *Estrangeiros nos nossos campos* (1956)<sup>33</sup>, tem uma abordagem de documentário, como a maior parte dos textos desta época, mostrando as falhas deste programa na promessa de proteger os direitos dos trabalhadores e a falta de cumprimento dos contratos por parte do Departamento do Trabalho e dos agricultores que os contrataram. Os estudos históricos realizados mais recentemente por historiadores como Mireya Loza, Ana Rosas, e Deborah Cohen têm mostrado a complexidade destas migrações em massa, incluindo as dinâmicas de género na rutura e na reconstrução da família mexicana, e,

---

<sup>32</sup> Este trabalho recebeu apoio financeiro do projeto “Justiça, Cidadania e Género: a Feminização da Migração e dos Direitos Humanos” (FFI2011-24120) do Ministério Espanhol de Economia e Educação.

\* **Tradução:** Maria Elena Ortiz

**Revisão:** Silvana Costa

desta forma, os papéis sexuais e de género, a cidadania e o impulso modernizador provocado pelo envio de homens rurais pobres pelo Estado mexicano, que não os podia manter, para os EUA. As classes média e alta mexicanas em ambos os lados da fronteira colheram enormes benefícios do financiamento à migração dos braceros e aos serviços oferecidos a estas populações na sua migração, e, desde então, os Braceros começaram a organizar-se politicamente para exigir uma compensação monetária pelo roubo dos seus salários e a recuperação dos seus direitos como cidadãos. De forma geral, as bolsas Bracero focam-se em questões de nação, cidadania, modernidade, fratura da família mexicana e migração.<sup>i</sup>

Para além disso, a maior parte dos estudos do programa Bracero usam as fotografias de Leonard Nadel, de 1956, como evidência da exploração e das miseráveis condições de vida e de trabalho que suportaram.<sup>ii</sup> Estas fotos são frequentemente tomadas como verdades transparentes do que realmente aconteceu, e enquanto as fotos mostram alguma verdade do seu momento, os estudos de representação geral, e de representação fotográfica em particular, discutiriam essa afirmação simples; as fotografias não podem ser ‘verdades transparentes do que realmente aconteceu’ por vários motivos. ‘O que realmente aconteceu’ não é transparente, e está sempre aberto a interpretação; as fotografias não nos dão acesso às emoções ou às experiências corporais da pessoa que é representada; as fotografias são produções editadas que representam escolhas ideológicas dos fotógrafos; etc. A suposição de que o visual é, de alguma maneira, mais revelador da verdade é muito problemática. De facto, este artigo vai diretamente desafiar a possibilidade de uma ‘verdade transparente’, seguindo as asserções de Susan Sontag em *On Photography*, onde afirma que “tanto a ordem como o tempo exato para ver cada fotografia são impostos; e também existe a legibilidade visual e o impacto emocional.”<sup>iii</sup> Posteriormente, argumenta que a fotografia transmite as formas em que uma pessoa “se põe a si própria numa certa relação com o mundo que se sente como conhecimento — e por conseguinte, como poder.”<sup>iv</sup> Podemos inferir que a fotografia, em si, é um objeto que transmite conhecimento para o mundo, mas devemos simultaneamente reconhecer que as fotos também viajam e têm uma vida depois de terem sido produzidas. Sontag também aponta que as questões de legibilidade e de impacto emocional são igualmente importantes: a forma como a foto é lida e por quem e quando parece duplamente importante. Assim, tomando estas ideias sobre epistemologia e prática da leitura em conjunto, e o facto de que as fotografias de Nadel foram produzidas para o Comité da União da Ligação de Comércio dos Estados Unidos, este artigo explora como o poder, a legibilidade e o desejo são configurados na produção da falta de ócio dentro da esfera doméstica dos trabalhadores Bracero.<sup>v</sup>

Além disso, nenhum estudioso, ao meu conhecimento, tem inquirido sobre os sentimentos, desejos ou posição de Nadel em relação às fotografias de Bracero que tirou em 1956. Tal como numerosos estudiosos de fotografia têm mostrado, “o poder que [um] fotógrafo tem de redesenhar a linha ou ofuscar a distinção entre acontecimentos e vestígios, estéticas e políticas, ou [...] espectadores e atuação, decorre da constante renovação [da fotografia] de uma prolepse original e de uma transgressão temporal original.”<sup>vi</sup> Esta ideia de prolepse, ou antecipar e responder a objeções com antecedência e o momento congelado no tempo parecem mais críticos para este ensaio, já que a catalogação do estado de Nadel e a utilização repetida de algumas fotografias de Bracero não respondem às perguntas sobre o que realmente aconteceu aos Braceros numa experiência universal de exclusão e exploração como trabalhadores, pelo contrário, levantam mais. Além disso, o catálogo de Nadel, ao repetir numerosas séries de fotos de Braceros individuais ou cenas particulares, como sugere Bajorek, tornam os sinais mais constantes ou aparentes na sua repetição, e, portanto, criam significados a níveis estéticos e políticos. Por outras palavras, há uma política particular pela qual Nadel escolheu fotografar determinados homens em séries de 2-10 quadros, ou decidiu repetir certas cenas de trabalho doméstico, íntimo, reprodutivo, ou produtivo a partir de múltiplos pontos vantajosos nas suas fotos. O olhar da câmara permanece sobre eles, mas eu sugiro que o seu conteúdo é político e tem uma intencionalidade homosocial e homoerótica num sentido multidirecional, em vez de reivindicar que estes documentos mostram homens a serem violados e capturados pela câmara e pelo processo de migração de uma forma mais abrangente. Neste artigo, examino as representações fotográficas do doméstico e do ócio que compunham a vida dos braceros, nas suas facetas muito limitadas. Os Braceros só podiam “ir à cidade” aos Domingos e a lugares designados. Para além disso, as suas limitadas vidas nos campos de trabalho também tornavam o seu tempo de ócio extremamente restrito às casas decrepitas que habitavam. Ao documentar as suas esferas de ócio controladas com as fotografias de Nadel, de 1956, podemos ver como a raça, a classe, o género e a sexualidade se tornam visíveis em espaços que não eram nada relaxantes.

Gayatri Gopinath oferece uma leitura crítica destas fotos, já que a maior parte dos seus projetos de diáspora e nacionalismo dependem da experiência dos homens e da sua centralidade narrativizada, enquanto “demonstra como a sexualidade feminina sob o nacionalismo é um local crucial de vigilância, já que é através dos corpos das mulheres que são formados os limites e as fronteiras de desejos comunais.”<sup>vii</sup> A ideia implícita deste texto é a ausência de mulheres nestas cenas de trabalho, ócio e migração nos EUA. Em vez disso, os homens abandonaram as responsabilidades de policiamento de parentes do sexo feminino e trocaram-no pela sua própria vigilância pelos capatazes

mexicanos e anglo-americanos. O que as histórias dos Braceros contam no que respeita às suas interações com mulheres, enquanto estavam nos EUA, foi revelado na sua correspondência com familiares do sexo feminino, incluindo namoradas mexicanas e americanas e relações com prostitutas, tanto nos campos de trabalho, como nas cidades adjacentes aos lugares onde era realizado o seu trabalho.<sup>viii</sup> Para além disso, as hierarquias de género, migração, raça e poder, para os homens mexicanos que tinham vivido em comunidades recetoras durante longos períodos de tempo, tornaram-se intermediários para os cultivadores, porque conheciam a língua espanhola, mas eram residentes permanentes ou cidadãos. Tendo em mente a mudança que houve em como a socialidade homem-mulher estruturava o baluarte da família mexicana e como a socialidade homem-homem estruturava quase todas as facetas da vida Bracero, quero voltar-me para as formas como o estranhamento da socialização de género emergiu no trabalho reprodutivo dos homens dentro dos seus supostos espaços de ócio como Braceros.

Há inúmeras fotos que refletem a contradição entre a cidadania moderna através da participação no programa Bracero e a realidade de ser um Bracero. As empobrecidas condições de vida nos campos de trabalho onde os Braceros viviam ilustram explicitamente a dissonância cognitiva de viver na pobreza como meios de ascensão social.



Figura 1. *Bracero a lavar os pratos em botas pelas ancas. Bracero num dormitório de um campo de trabalho em Salinas Valley, 1956, por Leonard Nadel, Coleção Leonard Nadel, Arquivo da História Bracero, Divisão de Trabalho & Indústria, Museu Nacional de História Americana, Item #138.22.27. Instituto Smithsonian, Washington, DC.*

Como podemos ver na foto acima (Figura 1), o homem está a lavar pratos numa bacia dentro de uma unidade de alojamento improvisada. Há centenas de fotos destes espaços interiores tiradas por Nadel, que ilustram os níveis de trabalho produtivo e reprodutivo necessários para a existência destes homens. O seu tempo de ócio era preenchido com trabalho reprodutivo, para além do simples relaxamento. Em vez de terem mulheres, irmãs, mães e raparigas a realizarem os trabalhos reprodutivos no espaço doméstico, eles, como imigrantes representantes das mudanças globais do mercado de trabalho, foram redirecionados para outras atividades relacionadas com a manutenção de condições de vida, que não produziam uma divisão do trabalho normalizada de acordo com os géneros, diminuindo, assim, o prazer do tempo de ócio. Aqui, as botas pelas ancas para o trabalho de campo usadas por aqueles que operavam e mexiam nos sistemas aspersores lamacentos, trabalho produtivo e remunerado, sugerem as formas como o programa Bracero institucionalizou as hierarquias étnico-raciais dos homens imigrantes que faziam ambos os trabalhos, o produtivo e o reprodutivo, em simultâneo, numa corrupção dos papéis de género através da migração. Esta mudança dos regimes de trabalho feminino racializado para o trabalho racializado com flexão de géneros intervém no foco desta classe solitária, sem família, domesticada, trabalhadora, objeto cultural de memória, produzindo uma alternativa à ideia do macho mexicano, mergulhada no patriarcado e no privilégio. Para além disso, o contexto é crucial neste ponto, já que Nadel tentou demonstrar a natureza temporária e insegura das habitações dos Bracero, frequentemente celeiros que estavam quase a cair, tendas e acampamentos de trabalho minimamente construídos, e barracas do exército consideradas impróprias pelos militares, com homens amontoados nestes espaços para dormir e orientar o seu limitado ócio na vida fora do trabalho. No que respeita às imagens convencionais que vemos nas fotografias de Bracero, esta é bastante típica: o homem sem nome está envolvido no trabalho doméstico, num espaço doméstico precário, concentrado na tarefa que está a realizar. Também replica o tropo da abjeção, especialmente no que se refere às teorias de Kristeva nos Poderes do Horror, nas quais o abjeto é situado fora da ordem simbólica, sendo forçado a encarar a sua existência como uma experiência inerentemente traumática.<sup>ix</sup> Mas também levanta mais perguntas: Nadel disse a este homem que estava a tirar a foto? Disse-lhe para não olhar para a câmara? Como se sentiu este homem por ter sido escolhido, em vez de outra pessoa, para ser fotografado a lavar a loiça com as suas botas pelas ancas? O que é que isto nos diz sobre o tempo de ócio como uma atividade reprodutiva, uma característica que é normalmente atribuída a mulheres e não a migrantes do sexo masculino?

Estes espaços interiores liminares mas domésticos, ou o que poderíamos chamar vagamente o espaço de casa do dormitório, foram fotografados extensivamente para provar ao governo dos Estados Unidos que esses trabalhadores hóspedes eram humildes, mas as suas condições de trabalho e de vida eram esquiladas e precisavam de ser melhoradas. Estas fotos também mostram uma limitada representação da forma como o tempo de ócio era passado nos campos de trabalho. Numa série de fotos, Nadel tem duas imagens do mesmo jovem, inclinando-se na sua cama, o corpo meio virado, a olhar para a câmara, sorrindo (Figuras 2 e 3).



Figura 2 e Figura 3. *Bracero num dormitório de um campo de trabalho em Salinas Valley, 1956, por Leonard Nadel, Coleção Leonard Nadel, Arquivo da História Bracero, Divisão de Trabalho & Indústria, Museu Nacional de História Americana, Item #138.23.02 e Item #138.23.03. Instituto Smithsonian, Washington, DC.*

Em ambas as imagens, horizontal e vertical, o jovem ocupa aproximadamente um quarto do espaço na porção direita do quadro. À sua esquerda há sete beliches firmemente organizados, enquanto o canto esquerdo fica esquecido na escuridão do quarto sem iluminação. Os beliches estão vazios, o fino colchão exposto. Realmente parecem ser mais esteiras suspensas sobre molas, um cobertor mexicano estendido sobre eles, chapéus de trabalho a descansar sobre cada cama, sinalizando o final do dia de trabalho. No canto escuro, a roupa pendurada, obstruindo a passagem da luz solar pela janela: calças de campesino de algodão branco, calças de trabalho mais pesado e camisolas de manga comprida. Também, emoldurando o jovem sorridente que veste calças de sarja e uma camisa de mangas compridas, há toalhas, camisas, e um casaco. Como se reclinava para frente contra o beliche, a vista é atraída para o seu sorriso, a natureza improvisada do beliche, o cabo para a luz do edifício, e as várias jarras de pomada e outros produtos de cuidados de saúde que estão pousadas no 2x4 arás dele. À sua esquerda, uma caixa de detergente de roupa Tide funciona como uma mesinha de cabeceira, e uma caixa de detergente Fab está pousada sobre um dos beliches. O chão sujo mostra um espaço já gasto. Enquanto a presença esmagadora do detergente de roupa, as roupas limpas penduradas das paredes e o teto improvisado sinalizam um

espaço doméstico que se preocupa com a limpeza, o chão sujo estraga esses esforços. Isto é, quão “limpo” pode estar um espaço se a sua base é suja, um edifício pré-moderno que mostra subdesenvolvimento, em vez de materiais da modernidade como madeira, linóleo, alumínio ou tijoleiras? Devemos lembrar que os Braceros não escolheram viver em campos de trabalho com chãos sujos; pelo contrário, os seus empregadores tinham a obrigação de lhes proporcionar alojamento e estes chãos, de certa forma, refletem o que os produtores pensavam dos seus trabalhadores. Eles eram homens migrantes mexicanos, trabalhadores, de classe pobre, e às vezes classe média, à procura de um trabalho temporário nos EUA, por isso não havia necessidade de sentir qualquer obrigação política ou social de lhes proporcionar condições de vida limpas ou modernas. Por outro lado, estes beliches e residências rudimentares, e os seus chãos marcavam a distância entre a posição-sujeito do agricultor e dos trabalhadores mexicanos. Como Deborah Cohen tem discutido, os agricultores deste período construíam as suas identidades públicas como cultivadores robustos, mas inteligentes e modernos com tecnologias e recursos do governo.<sup>x</sup> Mas estas marcas de progresso e tecnologia não eram passadas aos trabalhadores em termos de benefícios, nem esta noção era cultivada neles como sujeitos, e isto é mais claramente representado no espaço interior das suas residências.

Que o jovem esteja a sorrir, dada a estreiteza do seu espaço, as roupas limpas e o ar de domesticidade que o rodeiam, pode ser interpretado através de várias ideias-chave. Quero ler o compromisso da câmara com o sorriso como um ato estranho, que se separa das expectativas do objecto, e em vez disso, como Gopinath tem discutido, produz uma “série de práticas e desejos dissidentes e não heteronormativos que podem muito bem ser incomensuráveis com as categorias identitárias de ‘gay’ e ‘lésbica’.”<sup>xi</sup> Sorrir nas fotografias não é normativo no contexto das tradições mexicanas do retrato fotográfico, nem nas fotos documentais que provam o sofrimento dos trabalhadores rurais.<sup>xii</sup> Aqui não vemos uma pessoa a sofrer, nem vemos marcadores óbvios de sujeitos sexuais gay, embora possamos discutir que as condições materiais do domicílio transmitem esse sentimento e que o latente homoerotismo dos espaços é uma presença ausente. O sorriso aqui, talvez causado por uma piada ou uma adulação do fotógrafo, interrompe a exposição da pobreza e a domesticidade, uma clara reorganização das expectativas dos géneros e marca o momento como sendo de ócio. Para além disso, o jovem sorri em ambas fotos e de uma maneira brincalhona vira a sua cara para a câmara, enquanto o seu corpo está virado para o outro lado. Parece haver uma estrutura afetiva de ligação positiva nesta cena. Lauren Berlant poderia dizer que “é necessária uma inclinação prolongada para regressar a esta cena de fantasia que te faz esperar que esta vez, a proximidade a esta coisa que [tu] desejas te ajude a ti ou ao

mundo a tornar-se diferente da forma correta.”<sup>xiii</sup> A “coisa” desejada poderia talvez ser a felicidade, desejada pela câmara, rebelada numa piada entre homens num espaço domesticado que é menos do que esteticamente ou materialmente agradável. Os sorrisos, os atos estranhos de disrupção, apresentam uma série de alternativas de expectativas sobre como as coisas poderiam ser diferentes. Só o facto de que milhões de mexicanos tenham deixado os seus lares para trabalharem e viverem em condições esquálidas, mostra o quão forte que era a sua ligação com o sonho de mobilidade social e de classes — levou homens a ocuparem espaços homosociais desconhecidos que eventualmente se normalizaram, na sua domesticidade, na reorientação do trabalho dos géneros, na criação de vínculos de ligação emocional, e como simples expressões de vida quotidiana.

Os Braceros eram normalmente levados dos campos de trabalho às cidades aos Domingos de manhã, quando as pessoas estavam na igreja. Podiam fazer as suas compras de comida, cortar o cabelo e, com sorte, ver um filme na sessão matiné de um cinema segregado. O motivo principal para que as manhãs dos Domingos fossem aptas para o ócio público dos Braceros era por a maior parte dos bons americanos estarem na igreja nesse dia então veriam os trabalhadores. Também tinham que trabalhar 6 dias por semana, por isso o Domingo era o seu único dia livre. Muitas pessoas nas comunidades de Salinas Valley (onde foram tiradas estas fotos) tinham receio de que os Braceros fossem demagogos, bebessem demasiado, passassem as fronteiras sexuais e de género ao tentar ir com mulheres brancas, com mulheres mexicano-americanas e prostitutas, ou estivessem simplesmente muito sujos para se misturarem com as pessoas da cidade. Por essas razões, mesmo no seu limitado tempo de ócio, os Braceros eram segregados das pessoas comuns das comunidades. Tinham poucas oportunidades para encontrarem pessoas fora dos campos de trabalho, e muito menos para socializar com potenciais parceiros sexuais e desenvolver interesses amorosos. Nesses poucos dias que eram levados à cidade, Nadel fotografou os homens em Watsonville, em 1956 (Figura 4).<sup>xiv</sup>



Figura 4. *Braceros na rua em Watsonville, Califórnia, 1956. Bracero num dormitório de um campo de trabalho em Salinas Valley, 1956, por Leonard Nadel, Coleção Leonard Nadel, Arquivo da História Bracero, Divisão de Trabalho & Indústria, Museu Nacional de História Americana, item. Instituto Smithsonian, Washington, DC.*

Nesses momentos na cidade, os Braceros eram imediatamente e temporariamente enfiados em vidas de consumidores como tempo de ócio. Podiam caminhar as ruas abandonadas da cidade nos Domingos de manhã, vendo as montras enquanto consumiam bens e serviços. Sem dúvida, estes aumentos económicos dos Domingos ajudaram os donos dos negócios a aproveitar um mercado secundário e emergente de consumidores de língua espanhola. Como podemos ver na foto, os nove homens no quadro estão a vadiar no espaço público como se lhes pertencesse. Também demonstra que a noção de “ser amigos” não é equivalente para todas as comunidades.<sup>xv</sup> Tais experiências de formas de vida racializadas e classificadas para os Braceros acabaram por separá-los das outras comunidades, mesmo no seu tempo de ócio. As suas amizades eram construídas principalmente à volta do trabalho e não necessariamente por questões de mútua afiliação. A natureza isolada das suas comunidades e o facto da sua língua principal ser o espanhol fez com que estas fossem as comunidades padrão. Enquanto este grupo de nove homens à espera numa praça de táxis talvez seja um subconjunto dos 200 homens que trabalharam no campo de trabalho do Gondo, ainda assim demonstra afiliações e gestos de amizade, por padrão, tal como o seu consumo.

Curiosamente, todos os negócios que eles patrocinaram tinham nomes espanhóis, ou até eram propriedade de mexicanos. Rancho Grande (rancho grande), Zacatecana Café (café do estado de Zacatecas, México, com terminação de género feminino), e Monterrey House (Monterrey foi a primeira capital de Alta Califórnia durante o período colonial espanhol antes de 1848), todos indicam que a comunidade ou a) tinha famílias mexicano-americanas pré-estabelecidas, que dirigiam ou eram proprietários daqueles negócios ou b) que os anglos da comunidade viram a utilidade de ter esses negócios para atender os sentimentos e desejos de consumo dos falantes de espanhol. No jornal

*The Salinas Californian*, de 5 de Junho de 1956, perto da altura em que estas fotos foram tiradas, há numerosos anúncios de “comida espanhola” no Rancho Grande em Watsonville”. Ideologicamente falando, há um número de dissonâncias registadas na comida espanhola do Rancho Grande. Em primeiro lugar, comida espanhola, independentemente do que possa significar para um leitor conhecedor da expressão, é uma expressão norte americana abreviada e imprecisa para referir o ‘sul da fronteira’, ou a comida daqueles que são produto da colonização espanhola na América. Comida espanhola, propriamente dita, indicaria comida de Espanha. No entanto, nesta foto é óbvio que os consumidores dos ditos restaurantes são Braceros que são camponeses mexicanos e que não são da Espanha. Em segundo lugar, tanto Zacatecana como Rancho Grande referem-se aos estados centrais mexicanos e à vida rural de rancho, não à Espanha nem a sensibilidades europeias mais amplamente. Em terceiro lugar, o Espanhol ou Castelhana era a língua falada pelos Braceros e por alguns dos empregados destes estabelecimentos. Em quarto lugar, podemos ver na foto que Rancho Grande estava completamente lotado de Braceros, a beberem o que parece ser cerveja e a passarem tempo com os seus amigos. O facto de estes estabelecimentos denominarem a sua comida como espanhola marca um deslize: aqueles donos e trabalhadores queriam diferenciar-se dos Braceros, especialmente no seu tempo de ócio como consumidores. A separação entre as famílias locais mexicanas, que eram cidadãs dos EUA, e os emigrantes Braceros era importante para aqueles que tentavam justificar a sua incorporação no tecido quotidiano da vida americana. Ao utilizarem Espanha, comida espanhola, língua espanhola, e, portanto, a sua brancura, encontraram uma forma de marcarem os locais como não-índios, não-emigrantes, e de classe móvel. Mesmo assim, este retrato segregado de ócio e consumismo tem muito a dizer sobre a raça e as fronteiras das classes da vida americana na década de 1950.

Em conclusão, estas cenas, desde os espaços íntimos das residências Bracero até à sua ocupação da esfera pública como consumidores de ócio, têm muito a dizer sobre as complexas vidas dos trabalhadores emigrantes na Califórnia, em 1956. Particularmente, as suas vidas de ócio eram muito constrangidas pelas próprias condições do seu trabalho. Eles, como as mulheres, faziam o trabalho reprodutivo no seu tempo de ócio. Para além disso, os Braceros realmente só podiam criar amizades e grupos sociais dentro das comunidades em que viviam. Mesmo quando podiam ir à cidade aos Domingos, consumiam em estabelecimentos de língua espanhola (mexicana) que ainda os viam como consumidores diferentes, indivíduos que não eram cidadãos, mas emigrantes que só tinham tempo de ócio na esfera pública uma vez por semana.

---

<sup>i</sup> Para mais informações sobre este ponto ver Deborah Cohen, *Braceros: Migrant Citizens and Transnational Subjects in the Postwar United States and Mexico* (Chapel Hill; UNC Press, 2011), Loza, Mireya, “Braceros on the Boundaries” (Tese de Doutoramento, Universidade de Brown, 2011), e Rosas, Ana. “Flexible Families: Bracero Families’ Lives across Cultures, Communities, and Countries, 1942–1964” (Tese de Doutoramento, USC, 2006).

<sup>ii</sup> Ver Cohen, *Braceros: Migrant Citizens and Transnational Subjects in the Postwar United States and Mexico* (2011), particularmente onde a inserção de imagens é utilizada de forma descritiva e de forma documental, como um tipo de material de evidência.

<sup>iii</sup> Sontag, Susan. *On Photography*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1977. 5.

<sup>iv</sup> *Ibid.* 4.

<sup>v</sup> John Tagg’s *The Burden of Representation: Essays on Photographies and Histories* foca-se na relação precoce da fotografia com a vigilância e o registo da pobreza através do New Deal fornece um contexto histórico mais amplo para tal leitura. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

<sup>vi</sup> Bajoreck, Jennifer. “The State of Visual Matters.” *Theory, Culture and Society*. 27 (7-8), 2010. 156.

<sup>vii</sup> *Impossible Desires: Queer Diasporas and South Asian Public Cultures*. Durham: Duke University Press, 2005. 24.

<sup>viii</sup> Deborah Cohen, *Braceros: Migrant Citizens and Transnational Subjects in the Postwar United States and Mexico* (Chapel Hill; UNC Press, 2011), Loza, Mireya, “Braceros on the Boundaries” (Tese de Doutoramento; Universidade de Brown, 2011), e Rosas, Ana. “Flexible Families: Bracero Families’ Lives across Cultures, Communities, and Countries, 1942–1964” (Tese de Doutoramento; USC, 2006) all document these intimacies extensively in their work.

<sup>ix</sup> “The Powers of Horror: Approaching Abjection.” *The Portable Kristeva*. Ed. Kelly Oliver.

New York: Columbia University Press, 1997.

<sup>xi</sup> *Impossible Desires: Queer Diasporas and South Asian Public Cultures*. Durham: Duke University Press, 2005. 11.

<sup>xii</sup> Há uma longa tradição de olhares solenes nos retratos fotográficos mexicanos e as fotos da Dorothea Lange Farm Security Association, que transmitem humildade, frequentemente sem também sorrirem.

<sup>xiii</sup> Berlant, Lauren. *Cruel Optimism*. Durham: Duke University Press, 2011. 2.

<sup>xiv</sup> Esta foto foi tirada em Watsonville, Califórnia, porque o mesmo negócio Rancho Grande foi anunciado no jornal *Salinas Californian* a 23 de Março de 1956.

<sup>xv</sup> Stewart and Floyd. “Visualizing Leisure.” *Journal of Leisure Research*. Vol. 36, No. 4 (2004) 450.

Nicole Guidotti-Hernández é Professora Associada de Estudos Americanos na Universidade de Texas em Austin, Estados Unidos de América.

[ngh24@mail.utexas.edu](mailto:ngh24@mail.utexas.edu)